

O PAPEL DO TUTOR NA EAD EM UMA *FLIPPED CLASSROOM*

DANIELE VAZ FERNANDES / UNIGRANRIO / danifernandesunirio@gmail.com¹

Resumo:

O trabalho docente na educação a distância (EaD) é um tema que tem sido comumente estudado no meio acadêmico, visto que essa modalidade educacional está em constante crescimento, transformação e diversas linguagens e tecnologias podem ser utilizadas. Diferente da modalidade presencial, a educação a distância é impactada diretamente pelo uso das tecnologias, gerando novas estratégias, artifícios e metodologias de ensino. Neste artigo, o objeto de análise é a *flipped classroom* ou, como é popularmente conhecida, a sala de aula invertida. Esta é uma metodologia ativa, cuja estratégia causa uma ruptura com o sistema educacional tradicional, modificando o papel do aluno e, principalmente, o do professor tutor. Essa temática é de grande relevância para o 24º Seminário Internacional de Educação, Tecnologia e Sociedade: Metodologias Ativas, uma vez que o professor-tutor é a figura responsável por mediar o processo de ensino-aprendizagem e, sem ele e sua intencionalidade pedagógica, tem-se apenas um espaço com conteúdo, álgido e aparato tecnológico. Por isso, fomentar discussões que melhorem a atuação docente é inteiramente necessária. Desta forma, a partir das questões levantadas, à luz de processos aplicados à educação, espera-se oferecer subsídios no âmbito das ciências humanas, mesmo que básicos, para aqueles que se interessam pelo assunto, com a consciência de que a discussão não se esgota aqui. A pesquisa parte de um referencial teórico, em metodologia que se sustenta na pesquisa básica bibliográfica de caráter exploratório.

Palavras-chave: TUTOR. EAD. SALA DE AULA INVERTIDA. FLIPPED CLASSROOM. METODOLOGIA ATIVA.

Abstract

Teaching in distance education is a theme that has been commonly studied in academia, as this educational modality is constantly growing and several languages and technologies can be used. Unlike on-site education, distance education is directly impacted by the use of technologies, generating new teaching strategies and methodologies. In this article, the object of analysis is the flipped classroom or, as it is popularly known, inverted classroom. This is an active methodology whose strategy causes a break with the traditional educational system, changing the role of the student and especially the tutor. This theme is of great relevance to the 24th International Seminar on Education, Technology and Society: Active Methodologies, since the teacher-tutor is the responsible for mediating the teaching-learning process and, without it and its pedagogical intentionality, we have just a space with content and technological apparatus. Therefore, fostering discussions that improve teaching performance is entirely necessary. Thus, from the questions raised, in the light of processes applied to education, it is expected to offer subsidies in the field of human sciences, even basic ones, for those interested in the subject, with the awareness that the discussion does not end here. The research starts from a theoretical framework, based on a methodology on exploratory bibliographic basic research.

¹ Especialista em Pedagogia Empresarial Estratégica. Pedagoga formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente cursa MBA em Tutoria em EAD, além de exercer a função de Analista Pedagógica na Universidade UNIGRANRIO, no Núcleo de Educação a Distância (NEAD).

Keywords: TUTOR. EAD. FLIPPED CLASSROOM. FLIPPED CLASSROOM. ACTIVE METHODOLOGY.

1 Introdução

Em tempos de avanços tecnológicos e novas formas de aquisição de cultura, informação e comunicação ganham progressivamente mais espaço na sociedade. Cada vez mais rapidamente, as informações percorrem o mundo em milésimos de segundos, atingindo todas as faixas etárias e classes sociais sem distinção. A educação a distância, modalidade ainda recente no meio educacional e que flerta com a tecnologia, vem se desenvolvendo a passos largos. Um dos grandes questionamentos feitos no mundo acadêmico é o papel do professor nesse processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Mugnol (p. 339, 2009):

O processo educacional a distância é reconhecido por ser centrado no aluno e mediado pelas tecnologias da sociedade da informação, fato esse que leva à necessidade de se investigar como alunos e instrutores, com o uso das novas tecnologias, podem colaborar para gerar novos conhecimentos.

Ao compreender que a Educação a Distância requer tantas variações e atinge um público demasiadamente extenso, manifesta-se a necessidade de entendimento sobre como ocorrem as relações docente-discente nesses ambientes virtuais de aprendizagem. Inúmeros questionamentos cercam a prática e a utilização da modalidade de Educação a Distância, portanto, faz-se necessário estudar como se desenvolvem as atividades técnico-acadêmicas e didático-pedagógicas. Muito se especula sobre o fato dos alunos e professores estarem distantes fisicamente, e tais discussões giram em torno da veracidade do sistema. Entretanto, sabe-se que, dentro de uma sala de aula, por exemplo, o aluno pode estar presente, porém disperso e pode não desenvolver qualquer forma de aprendizado. Isto quebra um dos primeiros mitos e preconceitos desta modalidade, em que a distância não é um problema para a aprendizagem.

Assim como há evolução nos meios de comunicação que proporcionam, conseqüentemente, mudanças na educação, novas metodologias pedagógicas são pensadas e/ou modificadas, dentre elas as metodologias ativas.

Neste trabalho, serão levantadas temáticas acerca a atuação docente, na EaD, utilizando a metodologia ativa, conhecida como *Flipped Classroom* serão apresentados apenas os assuntos referentes a estrutura básica uma vez que a pesquisa parte de um referencial teórico, em metodologia que se sustenta na pesquisa básica bibliográfica de caráter exploratório.

2 As metodologias ativas e a *flipped classroom*

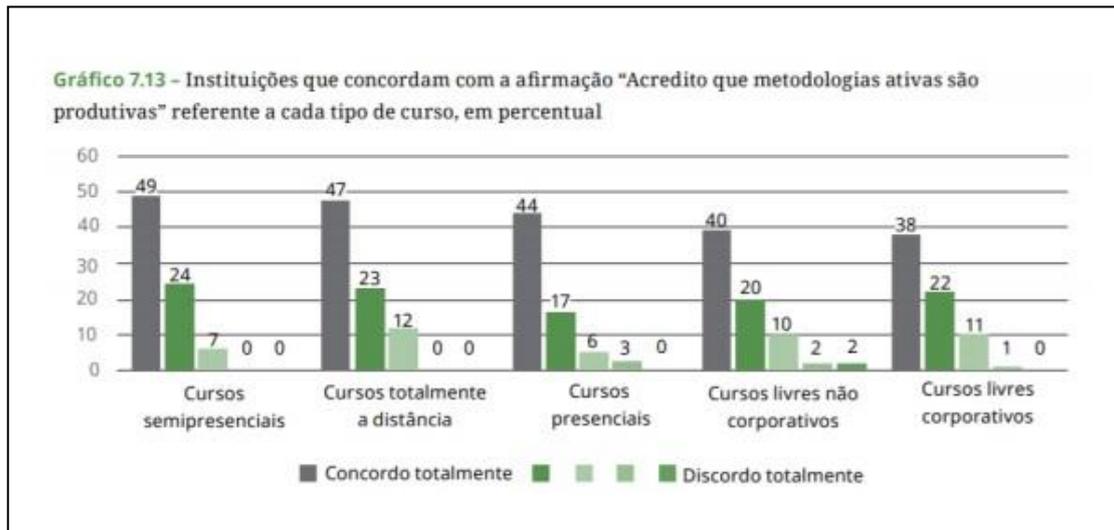
De acordo com Bacich e Moran (p.4, 2018):

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje.

De acordo com o Censo EAD.BR 2016², realizado pela ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância) e referente ao fluxo acadêmico de 2015, pode-se constatar que as metodologias ativas já estão presentes na educação brasileira, como revela o gráfico 7.13, da página 136 do documento.

Figura 1: Instituições que concordam com a afirmação “Acredito que metodologias ativas são produtivas”.

² http://abed.org.br/censoead2016/Censo_EAD_2016_portugues.pdf



Fonte: Censo EAD.BR

A metodologia ativa é uma ruptura com a visão tradicional de sala de aula passiva, onde o educando é apenas um “ouvinte” que adquire conhecimento. Relembrando uma discussão já trazida por Paulo Freire (1997), o conhecimento não pode funcionar com base na lógica da educação bancária, onde a informação é simplesmente entregue e não há troca de saberes. Seria o chamado *broadcasting*, onde o aluno lê a informação, faz o exercício e é aprovado ou reprovado. Vai além da premissa de apenas ouvir o professor falando, da leitura e do estudo de livros didáticos e métodos avaliativos com perguntas e respostas. A metodologia ativa propõe um maior protagonismo por parte do estudante, que passa a ser o ator principal e parte ativa do processo educativo, tendo responsabilidade, autonomia e participação.

Um modelo amplamente difundido no meio educacional é o *flipped classroom*. De acordo com Bergmann e Sams (p. 14, 2012), “o conceito (...) é o seguinte: o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula”.

A *flipped classroom*, cuja tradução literal é sala de aula invertida, consiste em alterar e inverter a estruturação lógica de uma sala de aula tradicional, ou seja, o momento no qual os conteúdos são abordados. O conceito advém do

ensino híbrido³, também chamado de *blended learning*, une dois sistemas de ensino: o *online* e o *offline*. Segundo Bergmann e Sams (p. 15, 2012):

No modelo tradicional, os alunos geralmente comparecem à aula com dúvidas sobre alguns pontos do dever de casa da noite anterior (...). No modelo de sala de aula invertida, o tempo é totalmente reestruturado. Os alunos ainda precisam fazer perguntas sobre o conteúdo que lhes foi transmitido pelo vídeo, as quais respondemos nos primeiros minutos da próxima aula. Dessa maneira, esclarecemos os equívocos antes que sejam cometidos e aplicados incorretamente. Usamos o resto do tempo para atividades práticas mais extensas e/ou para a solução de problemas.

Em uma sala de aula tradicional, o educador apresenta os conteúdos e, após a aula, o aluno estuda o material que foi transmitido. Nesta metodologia, no entanto, o educando entra em contato com os conteúdos antes de propriamente ter “contato” com o educador. Assim, o “momento da aula” passa a ser de aprofundamento e compreensão, esclarecimento de dúvidas e criação de relacionamentos de qualidade. Ou seja, a responsabilidade pela aquisição de conhecimento passa a ser do educando, sendo dividida com o educador.

Figura 2: A sala de aula invertida



Fonte: Schmitz (2019, p. 7)

É inútil, porém, a utilização da metodologia se o docente não entende o propósito e muda sua mentalidade, entendendo que o seu papel é de facilitador

³ Uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais e atividades realizadas por meio das TDIC, sendo o aluno o centro do processo de aprendizagem, e não mais a tradicional transmissão de informação pelo professor. (Valente *apud* Bacich et al. 2015, p.13).

e mediador do conhecimento, e não de transmissor. Nesse contexto, o professor necessita se adaptar às mudanças e rever seus conceitos e procedimentos, reconsiderando a maneira de ensinar, aprender e pesquisar. O professor tem o papel de ser um mediador e um organizador, desconstruindo a imagem de “dono” e controlador do saber. De acordo com Fiorentini (p. 137, 2009):

Espera-se que as decisões docentes promovam participação ativa, compartilhada e cooperativa; criem oportunidades variadas e flexíveis de negociação e construção de conhecimentos em ambientes presenciais e virtuais; utilizem um olhar prático-teórico aliado à força pedagógica da reflexão e observação da própria prática docente; exercitem metacognição e empatia nas tentativas de compreensão das necessidades de aprendizagem, facilidades, dificuldades e de modos de superá-las.

Segundo Jonathan Bergmann, pioneiro nessa metodologia, em entrevista ao G1 (2017):

A pesquisa e os relatórios de praticantes de todo o mundo confirmaram a sua eficácia. Essa metodologia eleva o desempenho nas provas, ajuda estudantes em dificuldades, ajuda os alunos a aprender uma segunda língua, é mais motivadora para os alunos, mais motivadora para professores, e a lista continua.

Moran (2014) considera a sala de aula invertida um dos modelos mais interessantes da atualidade por mesclar tecnologia com metodologia de ensino. Trata-se de um método que explora a capacidade de investigar, refletir, criar uma hipótese e testá-la, sempre com um objetivo em mente: resolver o problema apresentado.

Dentro da expectativa da modalidade presencial, a estrutura é de fácil compreensão: inverter a lógica da sala de aula. Mas como é possível aplicar essa estrutura se a modalidade de ensino que se atua é a Educação a Distância? E como se comporta o professor-tutor nessa jornada?

Não é tão complicado quanto se imagina. Na Educação a distância, a utilização das tecnologias e aportes pedagógicos já apontam para a figura do aluno como “autônomo”, ou seja, é ele quem dita seu ritmo de estudo, busca o conteúdo e aciona o professor quando possui eventuais dúvidas. Até aí, a lógica da sala de aula invertida é a mesma. O que se difere é o Ambiente Virtual de

Aprendizagem (AVA), que passa a ser o único caminho de interação e comunicação com o docente. Almeida (p. 327-340, 2003) afirma que:

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) são: sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, e elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos.

“As pesquisas indicam que a ‘presença docente percebida’ é um fator crítico para o sucesso e a satisfação do aluno.” (BATES, Tony *apud* JONASSEN et al, 1995; ANDERSON et al, 2001; GARRISON; CLEVELANDINNES, 2005; BAKER, 2010; SHERIDAN; KELLY, 2010). Por isso, é importante que o aluno se sinta acolhido e não sinta a falta do professor. Para isso, o educador precisa criar um Ambiente Virtual de Aprendizagem atrativo para o educando. É necessário se atentar ao fato de que a cultura educacional brasileira é fortemente voltada para o ensino presencial. Desde a pré-escola até o ensino médio, o processo escolar se dá sob presença física, portanto, um aluno que opta pela Educação a Distância encontra, imediatamente, uma barreira cultural. Na Educação Presencial, o professor tem a possibilidade de explicar novamente, com outras palavras, a partir do momento em que ele nota que o aluno não compreendeu o que foi dito. É necessário ter um maior cuidado com a linguagem a ser utilizada na modalidade a distância, levando em consideração os contextos e, de preferência, utilizando as múltiplas linguagens, haja vista a pirâmide de aprendizagem de William Glasser⁴.

De acordo com o MEC (p. 27, 2007):

A tutoria a distância atua a partir da instituição, mediando o processo pedagógico junto a estudantes geograficamente distantes (...). Sua principal atribuição (...) é o esclarecimento de dúvidas através de fóruns de discussão pela Internet, pelo telefone, participação em videoconferências, entre outros, de acordo com o projeto pedagógico.

⁴ Psiquiatra americano que criou a pirâmide de aprendizagem, por volta da década de 60, que hierarquiza as técnicas de aprendizagem.

⁵ Sinônimo de ensino híbrido.

Valente (2014) afirma que o uso da modalidade *blended learning*⁵ tem sido a tendência em muitos cursos de Educação a Distância (EAD) no Brasil. Segundo Schneider, Suhr, Rolon, & Almeida, (p. 74, 2013):

O aluno em atividades de autoestudo com base em livros, materiais em hipertextos e hiperlinks, vídeos e outros recursos midiáticos, dedica-se à aquisição de seu próprio conhecimento, dedicando o tempo necessário à atividade de acordo com suas características de aprendizagem. Em etapa subsequente, o professor da disciplina estimula o aluno a pesquisa e a interação com os colegas com o uso de ferramentas de tecnologia da informação, principalmente no ambiente virtual de aprendizagem.

Figura 3: Integração do modelo *flipped classroom* com metodologias ativas.



Fonte: Schmitz. (2019, p.10)

O tutor atua garantindo a inter-relação personalizada e permanente do educando com a ferramenta, podendo ser por meio de recados, avisos, fóruns, chat, orientações, jogos, situações-problema etc. A questão-chave é fazer com que o educando crie interesse em estar nesse ambiente e use os recursos para a sua aprendizagem. Para Bonk e Dennen (p. 66, 2003):

O tutor é responsável por gerar um senso de comunidade na turma que conduz e, por isso, deve ter um elevado grau de inteligência interpessoal. Nesse sentido, ele desempenha um papel social. O tutor tem também um papel pedagógico e intelectual, que envolve elaborar atividades, incentivar a pesquisa, fazer perguntas, avaliar respostas, relacionar comentários discrepantes, coordenar as discussões, sintetizar seus pontos principais e desenvolver o clima intelectual geral do curso, encorajando a construção do conhecimento. O tutor deve auxiliar os alunos na interpretação do material visual e multimídia, pois muitas vezes os alunos não

possuem essa capacidade e isso pode prejudicar o andamento do curso. Nesse sentido ele desempenha um papel tecnológico.

Ao professor-tutor, cabe a tarefa de aguçar e fomentar a curiosidade, promovendo e coordenando discussões e aprendizagens colaborativas. Espera-se que o tutor interaja no ambiente de forma argumentativa e problematizadora, o que pode se dar através de relacionamento de fatos, estudos ou conceitos, desde que leve o aluno à reflexão. O docente precisa ter o papel de mediar criticamente o aluno, ao mesmo tempo que o acolhe, e entendendo sua subjetividade para o estreitamento do vínculo. A lógica é simples: quando se entende e se cria um relacionamento com o educando, é mais fácil entender por quais caminhos é possível trilhar o processo de ensino-aprendizagem.

3 Considerações Finais

Ela estava grávida (...) deu à luz um lindo computador! (...). Deram-lhe o nome de Memorioso, porque julgavam que uma memória perfeita é o essencial para uma boa educação. (...) Memorioso foi o grande herói, elogiado pelos professores. (...) Até que uma linda moça se aproximou de Memorioso: “Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta”, disse a jovem. “Pode fazer” (...) “De tudo o que você tem memorizado, o que mais te comove?” Memorioso ficou em silêncio. (...) primeiro travou. Deixou de responder a estímulos. Depois apagou, entrou em coma. (...) verificaram que o seu disco rígido estava irreparavelmente danificado. Há perguntas para as quais a memória perfeita não consegue responder. É preciso coração. (Rubem Alves)⁵

Quando falamos em Educação a Distância, falamos necessariamente em autonomia e flexibilidade, mas isso não quer dizer isolamento. Sabemos que a EAD possui métodos específicos e, para melhor atendê-los, é preciso fazer uso de uma série de ferramentas, principalmente aquelas ligadas à tecnologia.

Inicialmente aplicada à Educação Presencial, a *flipped classroom* chegou à modalidade a distância, e vem sendo implementada em muitas instituições educacionais. Lançada nos Estados Unidos pelos educadores Jonathan

⁵ Trecho da crônica “O aluno computador”, publicada por Rubem Alves em 2011.

Bergman e Aaron Sams, a metodologia ativa preza por atividades onde o aluno é o centro do processo educativo, agindo com protagonismo e *empowerment*.

No processo de *flipped classroom*, o tutor tem como fonte de interação um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e precisa fazer dele, juntamente com todas as suas ferramentas e possibilidades, a sala de aula para o aluno. Deste modo, a mesma precisa ser convidativa e estimulante. O professor precisa trabalhar de maneira que consiga ter a atenção desses alunos, de tal modo que eles “interajam com o que está sendo ensinado”. Entende-se que é preciso instigar os educandos com situações que despertem a emoção e a curiosidade. O aluno ganha responsabilidade dentro do processo educativo, sendo sujeito da própria atividade enquanto o tutor ressignifica o processo, entendendo que não é tão somente ensinar e aprender, mas sim dar sentido e significado à experiência, mostrando para que serve aquele conhecimento.

A grande lição que a *flipped classroom* deixa é a ruptura com a estrutura escolar de conteúdo-aluno-professor, onde os professores procuram transmitir o conteúdo de modo a garantir que todos os alunos aprendam o mínimo esperado, explicando os conceitos básicos e, então, só após, se aprofundem por meio de leituras e tarefas. O educador ganha o papel de desafiar e, ao mesmo tempo, orientar o aluno dentro do Ambiente. Quando o aluno demonstra onde estão suas dificuldades, é mais fácil para o educador trilhar um caminho com ele, de forma individual e personalizada.

Para ser professor-tutor é preciso empatia, já que somente saber usar o recurso tecnológico não transforma o processo educacional e não seduz o aluno. É preciso aliar a ferramenta e todas as suas possibilidades com a intencionalidade pedagógica.

4 Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. O aluno computador. Revista Educação, publicado Set/2011. Disponível em: <<http://revistaeducacao.com.br/textos/118/artigo234093-1.asp>> Acesso em 26 jul. 2019.

BATES, Tony. Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem. São Paulo: Artesanato Educacional, 2016.

BERGMANN, J.; SAMS, A. A sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Referenciais de qualidade para educação superior a distância. Brasília, DF: MEC, 2007.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1999.

MORAN, Jose. Informática na Educação: teoria & prática. e-ISSN: 19821654 ISSN Impresso:1516.

MATTAR, João. Tutoria e Interação a Distância. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

MORAN, J.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e Mediação Pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2013, 21a ed. (Coleção Papirus Educação).

MUGNOL, Marcio. A Educação a distância no Brasil: conceitos e fundamentos. Curitiba, Paraná. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 27, p.

335-349, maio/ago. 2009. Disponível em:

<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3589>>

Acesso em 13 abr. 2019.

RAMAL, Andrea. Sala de aula invertida faz o aluno aprender mais. G1, [S. l.], p. inicial, 22 ago. 2017. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/sala-de-aula-invertidafaz-o-aluno-aprender-mais-diz-jonathan-bergmann-pioneiro-no-metodo.html>> Acesso em: 30 jun. 2019.

SCHNEIDER, E., SUHR, I., ROLON, V. & Almeida, C. (2013). Sala de aula invertida em EAD: uma proposta de Blended Learning. Revista Intersaberes, 8 (16), 68-82.

SCHMITZ, Elieser. Sala de aula invertida: uma abordagem para combinar metodologias ativas e engajar alunos no processo de ensino-aprendizagem.

2019. Disponível em

<http://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/download/oficinas_2019/Oficina-1-Salade-Aula-Invertida.pdf> Acesso em: 30 jul. 2019.

VALENTE, J. A. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. Educar em Revista, núm. 4, 2014, p. 7997. Universidade Federal do Paraná, Brasil.